

## Walter Benjamin nos extremos

### *Walter Benjamin between the extremes*

Resenha do livro: Bernd Witte. *Walter Benjamin: uma biografia*. Trad. Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Passaram-se mais de 50 anos desde as primeiras abordagens, no Brasil,<sup>1</sup> à obra de Walter Benjamin, cujos textos parecem ter sempre suscitado divergências interpretativas intimamente entrelaçadas às escolhas de vida do filósofo (afinal, Benjamin era um marxista, um judeu, um crítico literário ou um metafísico?). Com um legado em disputa dentro, pelo menos, de departamentos tão diversos quanto os de Comunicação, Filosofia, História, Sociologia e Letras, Benjamin é autor não apenas de textos difíceis, como também de uma vida igualmente hermética. Agora o leitor brasileiro tem acesso a uma importante biografia do filósofo, escrita por Bernd Witte, em um pequeno, mas significativo volume de 160 páginas traduzidas por Romero Freitas para a editora Autêntica (que tem protagonizado, aliás, nos últimos anos, a edição de textos e traduções inéditas e importantes da obra de Benjamin por aqui, com a coleção Filô-Benjamin).

A biografia chega ao país 30 anos depois de ter sido escrita pelo atual presidente da Sociedade Internacional Walter Benjamin. Antes disso, a vida do filósofo podia ser reconstruída, para o público lusófono, somente fragmentariamente, a partir das interpretações biográficas que se misturam a livros, ensaios e artigos destinados a motivos teóricos em sua obra. É o caso da importante bibliografia das últimas décadas, como o livro *Alegorias da dialética* (2009), de Katia Muricy, o ensaio “Benjamin e o marxismo” (2003), de Leandro Konder e a obra *A atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno*

---

1 Cf. o controverso, porém referencial, PRESSLER, Günter Karl. *Benjamin, Brasil. A recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005*. Um estudo sobre a formação da intelectualidade brasileira. São Paulo: Annablume, 2006.

\* Doutorando em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); E-mail: zacca.rafael@gmail.com

(2009), de Márcio Seligmann-Silva – sem contar, é claro, o esforço mais antigo de pensadores como José Guilherme Merquior (um dos pontos-chave na recepção não apenas de Benjamin, como também de Adorno e Marcuse, ainda na década de 1960, no Brasil) e de Jeanne Marie-Gagnebin (que, desde a década de 1980, a partir de minucioso trabalho filológico, se dedica a formar imagens da obra de Walter Benjamin).

A controvérsia em torno da vida-obra de Benjamin parece, nesses e em outros casos, operar pela disputa em torno de pelo menos uma de três imagens do filósofo: o otimista versus o melancólico; o materialista histórico versus o teólogo judeu; o escritor solitário versus o engajado. É nesse jogo de forças que a biografia de Witte chega ao país, e parece se assentar nessas polarizações a arquitetura de seu texto. Antes de mais nada, portanto, *Walter Benjamin: uma biografia*, pode ser considerado um livro de interesse não apenas dos curiosos por sua vida, como também daqueles que recebem os escritos do filósofo no contexto de sua recepção brasileira. Reforça-se a isto o fato de a escrita de Witte ser endereçada tanto ao público leigo como à comunidade de pesquisadores: o biógrafo não conduz a narrativa de acordo com anedotas inusitadas ou dramas pessoais (o início e o fim do primeiro casamento de Benjamin, por exemplo, são narrados com extrema sobriedade, sem os tensionamentos comuns ao gênero que reforçariam a sua importância), mas tece os acontecimentos, ainda que cronologicamente ordenados, de acordo com questões fundamentais levantadas por Benjamin em cada época de sua vida. Os primeiros anos de vida do filósofo são invocados a partir de suas próprias lembranças; o último, sob o título de “Fim da história”, evoca o último texto escrito pelo autor. E todos os capítulos recebem nomes que lembram diretamente os seus principais trabalhos (estrutura adotada recentemente, aliás, pela biografia de maior fôlego de Eiland e Jennings, *Walter Benjamin: A critical life*).

Com relação à disputa “otimismo versus melancolia” de Benjamin, é preciso lembrar que os lados da contenda se dividem ao organizar fatos e textos da vida de Benjamin de modo a formar a imagem positiva ou negativa do filósofo diante de sua própria época. Frequentemente, neste caso, tomam-se os ensaios sobre “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” e sobre “Franz Kafka, a propósito do décimo aniversário de sua morte”, como espécies de termômetros dos “ânimos” benjaminianos. Os adeptos do otimismo costumam realçar, por exemplo, os aspectos positivos de sua análise com relação às técnicas de reprodução, tantas vezes vistas apenas como diabólicas ou retrógradas (sob o signo da alienação, pelos marxistas, ou da massificação

homogeneizadora, pelos adoradores da “cultura” e da “arte”) diante da possibilidade de redenção da humanidade. Os advogados do pessimismo do filósofo têm por hábito ressaltar possíveis mudanças de pontos de vista, nos ensaios sobre Baudelaire escritos nos últimos anos de Benjamin, a propósito do “declínio da aura” ocasionado pela perda da tradição e pelos meios técnicos de reprodução, bem como certa identificação do filósofo com os estados melancólicos e saturninos invocados não apenas no texto sobre Kafka como ao longo de toda a sua obra. Os primeiros relembram a aproximação de Benjamin com as vanguardas artísticas, o seu envolvimento com o rádio (produzindo e lendo as suas peças radiofônicas) e a sua fascinação com o cinema; os outros, a incompreensão dos amigos mais queridos na década de 1930, o fracasso com as relações amorosas e o suicídio.

Ambos os aspectos evocados são estruturados na arquitetura do primeiro capítulo, sobre “Infância e juventude em Berlim”, em que Witte nos dá a imagem a um só tempo melancólica e otimista de Benjamin, ao recuperar a narrativa do próprio filósofo quando ainda um pequeno rapaz deslocado em suas próprias roupas grão-burguesas, cercado de ornamentos colhidos no século XIX, culminando na expectativa que o jovem Benjamin depositaria no movimento de juventude como um lugar de renovação para a vida. Desse modo, a figura do melancólico (realista) e a do otimista (idealista) se fundem complementarmente. É também o que transparece no significativo capítulo sobre “Imigração: a teoria da arte não aurática”, que nos revela, em Benjamin, ao mesmo tempo, uma excitação com as possibilidades emancipatórias das novas tecnologias e um profundo e crescente desânimo com as condições materiais de sua produção intelectual. E é ainda impressionante a superposição factual gerada com a evocação dos pensamentos sobre suicídio que assolavam Benjamin, e a sua incrível insistência em projetar práticas coletivas intelectuais. Entre essas práticas, destacam-se o projeto da revista *Crítica e Crise*, que não saiu do papel, arquitetado por algum tempo em parceria com Bertolt Brecht e o círculo em torno do dramaturgo, e também as aulas de filosofia que Benjamin ministrou quando, em 1939, já exilado em Paris, a Segunda Guerra Mundial começou, e ele foi “preso num campo de triagem e depois enviado ao *camp des travailleurs volontaires*”. Lá, conta Witte, decidira dar “um curso de filosofia ‘para alunos de nível avançado’, além de ter tentado editar uma revista do campo.<sup>2</sup> É difícil, nestes casos,

---

2 Cf. o capítulo “Passagens”, p. 123-137

não se lembrar da formulação de um outro materialista histórico vitimado pelo fascismo, Antonio Gramsci, que invocava certo “otimismo da vontade” articulado com o “pessimismo da razão”.

O segundo ponto da polarização da imagem do filósofo tem contornos mais bem destacados na recepção. Ele reflete, em parte, os conflitos pessoais de Benjamin na década de 1930, dividido entre os afetos e julgamentos do dramaturgo materialista Bertolt Brecht (que reforçava no amigo a sobriedade marxista), do amigo Theodor Adorno (que admirava os escritos das décadas de 1910 e 1920 de Benjamin, e reclamava por um retorno aos seus fundamentos) e do historiador e teólogo judeu Gershom Scholem (que ansiava pela ida, que não se realizou, do amigo a Israel). Reflete, também, a polarização nacional em ambiente acadêmico que cindiu marxistas e não marxistas após algumas décadas de “relativa hegemonia cultural de esquerda” (para falar de acordo com expressão de Roberto Schwarz)<sup>3</sup> – que, até a década de 1980, fundou-se na teoria marxista – e ranço, de certa geração, com relação à tradição lukacsiana nacional. De todo modo, é realmente bastante estranho que um filósofo tenha conseguido sustentar por tanto tempo materialismo histórico e misticismo judaico, e não seria de se supor que uma tal filosofia encontrasse recepção amena neste ponto. Os adeptos da interpretação materialista de Benjamin costumam invocar o seu relacionamento com Asja Lacis e a sua amizade com Bertolt Brecht, bem como o ensaio sobre o teatro épico, o último capítulo de “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica” com a sua exigência pela “politização da arte”, e, é claro, os fragmentos “Sobre o conceito de história”. Já os defensores do teólogo Walter Benjamin relembram a sua amizade com Scholem, a sua insistência em problemas aparentemente não materialistas (principalmente a questão da linguagem, que atravessa toda a sua vida), invocam o “Fragmento teológico-político”, os manuscritos sobre o tempo messiânico e... os fragmentos “Sobre o conceito de história”! E é ainda precisamente o texto sobre a história, o “testamento” intelectual e político de Walter Benjamin, que serve de base para aqueles que advogam um encontro profícuo entre duas posições aparentemente irreconciliáveis (é a isso que se dedicam, por exemplo, diversos textos de Michel Löwy e outros de Jeanne Marie-Gagnebin).

---

3 Cf. SCHWARZ, Roberto. “Cultura e política, 1964-1969”. In: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Também neste ponto, a biografia escrita por Witte tende a conciliar a divisão. A possibilidade de união entre materialismo histórico e teologia judaica é localizada tanto nas filosofias da linguagem e da história de Benjamin (que se fundam no ensaio sobre a linguagem de 1916, no livro sobre o *Trauerspiel* e nos fragmentos “Sobre o conceito de história”) quanto na progressiva precarização como intelectual vindo da alta burguesia. Quanto ao dado biográfico da transformação de classe por que passa Benjamin, Witte articula dois motivos. Por um lado, exhibe um traço “essencial” de deslocamento que enxerga no filósofo, que, desde a infância, segundo as suas próprias crônicas berlinenses, não se identificava com o ambiente grão-burguês de sua família, fato reforçado pela oposição destacada com seu pai, Emil Benjamin, que conquistou a fortuna “como leiloeiro e sócio na Casa de Leilões de Arte Lepke, na Kochstrasse”, e posteriores investimentos no capital especulativo. Por outro lado, mostra as tentativas de Benjamin de sobreviver como pesquisador e escritor autônomo, após ter a sua tese de habilitação, a *Origem do drama trágico alemão*, reprovada.

Aqui reluz a biografia de Witte, que neste ponto consegue costurar motivos intelectuais e biográficos como em nenhum outro, ao explicitar o ponto de convergência, em Benjamin, da situação precária do intelectual com a situação de exploração do proletariado em uma mesma luta pelos meios de produção. Assim, Witte considera que alguns apontamentos do ensaio sobre a “Posição social do escritor francês” e do “Autor como produtor” dizem respeito diretamente à condição de Benjamin, que vive uma época em que “o intelectual não representa ‘os interesses mais humanos’ da burguesia, como na época em que esta última dominava sem ameaças, nem pode assimilar-se a si mesmo ao proletariado”, revelando, assim, “uma situação de crise histórica universal”, cabendo ao artista, à arte, ao intelectual e à crítica uma nova função. Esta reflexão tem valor tanto para a compreensão da situação do escritor e do intelectual europeu do século XX, e sua ligação com os movimentos sociais, quanto ilumina, talvez, a situação precária do escritor e do intelectual brasileiro, que se origina de condições tão ou mais contraditórias quanto a descrita por Witte e Benjamin.

Finalmente, como se move Witte naquela querela que divide as opiniões entre o solitário e o engajado Walter Benjamin? A primeira imagem é a do escritor que fracassou no amor e se separou terrivelmente de suas amizades ao longo de toda a sua vida, que não conseguiu concretizar seus projetos coletivos, que não ingressou para o magistério, que não se engajou em nenhum partido comunista; a segunda, daquele que arquitetou o seu ingresso

para o Partido Comunista Alemão, que foi para a União Soviética e sentiu, em Moscou, a necessidade crescente de posições mais radicais diante da crise capitalista, que quando estudante se engajou no movimento estudantil, que se misturou à intelectualidade e à classe artística francesa em suas idas a Paris, que tentou até o fim de sua vida saídas coletivas diante da época mais sombria da Alemanha. No primeiro caso, costumam figurar nas argumentações fragmentos do trabalho das *Passagens* que tratam da necessária solidão que seu empreendimento demandava, e associações do filósofo com duas figuras literárias por ele admiradas: mais uma vez Kafka, e Baudelaire, solitários no século XX e no XIX. Quanto aos partidários de um Benjamin engajado, pululam as menções ao ensaio sobre o surrealismo (e a exigência de “organizar o pessimismo”) e à conferência, realizada no Instituto para o Estudo do Fascismo, intitulada “O autor como produtor”.

Quanto a esta questão, Witte não omite os momentos em que Benjamin tentou se engajar em projetos coletivos, e reforça mesmo o seu ardor em empenho tanto na militância com o movimento de juventude quanto na vontade de se filiar ao Partido Comunista. Entretanto, favorece a imagem de um Benjamin solitário, ao arquitetar o início e o fim de sua biografia com duas narrativas-chave: a do jovem “solitário idealista”, que durante a infância, sempre que tinha companhia para as caminhadas, atrasava o passo (mesmo quando acompanhado de sua mãe) e que *em vão* procurava “o sentido de sua ação social e o abrigo de uma comunidade”, e a do historiador materialista que “percebe o fracasso da história”, como alguém que “fracassa ele mesmo”. Nas últimas páginas, Witte descreve um “materialista dialético, sem esperança nos homens ou para os homens”, e que “precisa depositar a esperança na catástrofe escatológica que irá restaurar o mundo num piscar de olhos”. Com isso, Witte termina por legar a imagem de um Walter Benjamin solitário, condenado a repetir, por vontade ou não, aquele gesto de recusa do jovem que detestava subir as escadas coletivamente na escola secundária. Para uma biografia que soube amarrar de modo complementar outros pontos “extremos” em que se moveu a vida e os textos de Benjamin, uma pequena decepção. Ao “fechar” o sentido da vida de Benjamin – ainda que constituído retrospectivamente, como uma espécie de inofensivo guia de leitura – com a marca da solidão como destino, Witte submete uma vida convulsionada pelo século XX e pelas contradições de classe a uma espécie de essência, e, precisamente neste ponto, e não em outros, a biografia de Witte se assemelha às demais biografias de intelectuais e escritores que associam vida e obra de maneira mítica – forma de associação evitada, e mesmo combatida, por Benjamin.

## Referências

WITTE, B. *Walter Benjamin: uma biografia*. Trad. Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

PRESSLER, G. K. *Benjamin, Brasil. A recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005. Um estudo sobre a formação da intelectualidade brasileira*. São Paulo: Annablume, 2006.

SCHWARZ, R. Cultura e política, 1964-1969. In: \_\_\_\_\_. *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.